



# RelevO

maio/2024, n. 10, a. 14  
• Periódico literário independente  
feito em Curitiba-PR desde set/2010  
• ISSN 2525-2704

### Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos.

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

As ilustrações desta edição são de **Marcos Beccari**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [marcosbeccari.com](http://marcosbeccari.com).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 70 Ada Moema Dias; Douglas Batalha; Tales Sebastião Elias; Eros Lima de Nardi; Anderson Nogueira; Adriana Vieira Lomar; Adriano Monte Alegre; Alice Paul Leitão; Ana Helena Reis; Anthony Portes; Armando Peres; Carlos Henrique dos Santos; Cassio Figueira; César Gatto Figueiredo; Saul Neto; Diana Joucovskiç Cezar Tridapalli; Cristiano Martins Oliveira; Daniela Pinheiro Machado Kern; Darson Porto Castro; Diêgo Laurentino de Carvalho; Douglas Lobo; Edner Braga; Edson Valente; Elysmeyre Pessoa; Fernanda Celuppi; Fernando Antônio Fonseca; Francisco Humberto Bernardes de Oliveira; Giovanni Guerreiro; Guilherme Brasil; Henrique Pitt; Iata Anderson; Israel Siqueira; Jaya Vitali; Jenifer Bazzi; Jéssica Milato; Jessica Milato da Costa; João Maia; José Nunes; Laboralivros; Lírida Macedo; Lucas Gomes; Luciano Verdade; Luiz Freire; Marcos Beccari; Mariana Streicher; Matheus Jurgen; Maurício Simionatto; Murilo Almeida; Nicolás Irurzun; Nicolás Wolaniuk; Papel do Mato; Paula Giannini; Paula Sperb; Rafael de Carvalho Parreira; Rafael Zarza; Raphael Cerqueira Silva; Regina Portela; Rejane Martins Pires; Robson Vilalba; Sérgio Czajkowski Jr.; Tiago Goes Cardoso; Yuri Rogeski; Com.tato Curadoria de Comunicação; R\$ 80 Eduardo Pereira; Lis del Barco; Luiz Witiuk; Marcos Franceschi; Rômulo Cardoso; R\$ 100 Marina Pilato; Rafael Gayer; Rodrigo Soroca Lopes; R\$ 105 Elter Correa; Magno Van Erven; Mariana Martins; R\$ 140 Ariane Miake; Cintia Brasileiro; Cynthia Araujo; Livia Woodcock; Marina Simão; Marly Custodio de Souza; Maurem Kayna; R\$ 150 Dagmar Spring; Nadini Moraes

**TOTAL: R\$ 6.845**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 350 Allejo; R\$ 200 Editora Penalux; Editora Sinete; Rafael Estorilio; R\$ 150 Úrsula Antunes; R\$ 70 Luiz Gustavo Vicente de Sá

**TOTAL: R\$ 1.240**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280  
Escritório: R\$ 300  
Embalador: R\$ 50  
Editor-executivo: R\$ 0  
Editor-assistente: R\$ 400  
Mídias sociais: R\$ 700  
Diagramação: R\$ 200  
Colaboradores de abril: R\$ 600

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200  
Correios: R\$ 3.000

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 8.085**

(-) Saídas totais: **R\$ 8.465**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 380**

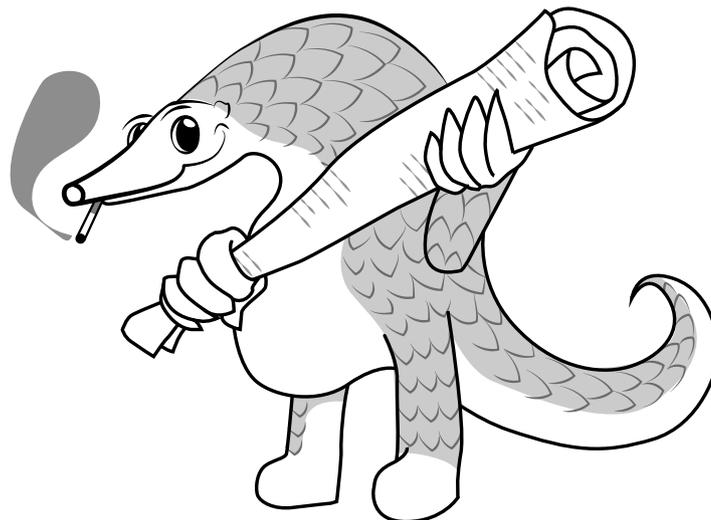
## Maio/2024

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Zeh Gustavo  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Rafael Estorilio  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 29 de abril de 2024.

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Rafael Estorilio  
Celso Martini  
Rômulo Cardoso  
Felipe Harmata  
Amanda Vital  
Whisner Fraga  
Fernanda Dante  
Nuno Rau



instagram.com  
facebook.com  
twitter.com  
medium.com

# /JORNALRELEVO.COM

## CARTAS

### MAKARENA

**Anton Makarenko** Espero que esta mensagem lhe traga boas notícias. Meu nome é Anton Makarenko, da Already Media, uma empresa especializada em desenvolvimento e promoção de sites com foco nos setores de apostas esportivas e iGaming. Estamos interessados em apresentar um de nossos projetos por meio de um artigo em seu site [jornalrelevo.com](http://jornalrelevo.com). Você poderia nos informar se aceita artigos de convidados? Em caso afirmativo, gostaríamos de entender suas diretrizes com relação à contagem de palavras, tópicos preferidos, restrições a links externos e outras especificações. Além disso, seria útil saber se o conteúdo referente a apostas esportivas está dentro de suas políticas editoriais e os custos envolvidos para a publicação do artigo. Preferimos lidar com transações via PayPal. Esse método de pagamento é aceitável para vocês? Aguardamos ansiosamente a possibilidade de colaborar com você. Agradecemos antecipadamente sua resposta e quaisquer detalhes que possa fornecer sobre seu protocolo de envio de artigos. Com os melhores cumprimentos.

**Da redação** Não está dentro de nossas políticas editoriais.

### NÃO SOMOS GOLPISTAS

**Juan Onofre** Olá, queridos, sou o diretor do PG Group, somos uma empresa nova, fique tranquila que não somos golpistas. Seu nome apareceu na lista de excelentes sites do Brasil, e sinceramente convido-os a trabalhar conosco. Pagaremos comissões antecipadamente, comissões generosas, temos um presente para você, basta retornar o nosso contato.

### EITA

**Juliane Moura** Eu sou nordestina. Ou seja, faço parte das pessoas (região do Brasil) mais odiadas pelos CURitibanos. Talvez vocês não tenham percebido. Estou dizendo isso porque não quero mais apoiar pessoas que nos odeiam. Não tenho interesse em assinar nada da região de vocês, muito obrigada!

### COBRA-CORAL

**Armando Peres** Fala, meus velhos! Satisfação renovar a assinatura e apoiar esse Jornal que, pra mim, é uma joia. Resistência e militância da literatura! Em novembro de 2023, nasceu meu primeiro filho. O fato é que estou atrasado na leitura o exato número de meses do piá. Nesses períodos mais exigentes, o Jornal é o único tipo de leitura que está encaixando no tempo livre. Terminei um dia desses a de dezembro e estou gostando das variações de estilo que percebi nas últimas edições do ano passado. Confesso que, sendo geógrafo, a primeira coisa que me chamou atenção quando vi a propaganda no Instagram lá em 2020 ou 2019, não lembro exatamente, foi o nome. Se possível, gostaria de saber mais sobre a escolha deste nome para um jornal de literatura. Teve uma sessão das páginas do meio, não lembro a edição, sobre SAFs, em que o

saqueado Santa Cruz foi citado e que me colocou um sorriso besta do rosto. Sempre que puder, espalharei a palavra do **Relevo** aqui em Pernambuco. Abraço! Vida longa ao Jornal!

**André Caliman** Oi, pessoal. Recebi aqui o último exemplar do Relevo. Que demais ver impresso ali as charges. Adorei!

### DIAS PERFEITOS

**Marceli Mengarda** textos perfeitos: esse ficou baita demais, hein!

**Rozana Gastaldi Cominal** Aproveitando a vida, lendo... Estou aqui boquiaberta com as duas últimas edições de o **Relevo**! Antes que me perca no tempo, comparilho os recortes de abril que me fazem escrever. Capas, ilustrações, editorial e o estilo do ombudsman são alívios para nossa rotina mundana. Maiakóvski por Astier Basílio, Anne Carson por Michele Soares e Virginia Wolf por Cecília Meireles arrematam com traduções encarnadas aos goles abundantes de “Ponche de maçã”, de Paula Giannini. Agradeço com meu avatar pelos fragmentos de literatura que me faz levantar: raízes e copas / em conexão vital / navegam (...) / vamos aprender com as árvores / que nos ensinam como religar / e impedem nossa extinção. Forte abraço e até! P.S.: Vou assistir ao filme *Dias Perfeitos* no final de semana.

**Abel Sidney** Boas reflexões, citações, inquietações. Cada vez mais me especializo em viver uma “vida besta”, à moda mineira. A arte de “ficar bestando” é para poucos.

**Maria Pax** Ainda não assisti *Dias Perfeitos*, mas o texto me emocionou tanto que já estou agendando! Update: assisti, voltei pra reler e gostei ainda mais =)

### EDITORIAL FILOSÓFICO

**Diego Domingos** Uma vez, lendo uma crônica de um livro da Clarice Lispector, tive a impressão que aquela crônica específica não tinha sido escrita por ela (algum escritor disse que estilo vem com tempo, e nós leitores também vamos aprendendo a identificar o estilo de cada autor). Pensei que um de seus filhos a bateu na máquina (de escrever) e ela a mandou assim para o jornal para ver 'se colava'. Como o editor não identificou a piada, e ela achou que a correção ficaria pior, ficou por isso mesmo e a crônica acabou em livro. Problema meu se achei algo estranho anos depois da morte da autora. Todo esse nariz de cera (do Cyrano de Bergerac) só para dizer que estranhei o estilo do último editorial deste mensário. Ele vem mudando, é verdade, e achar a expressão 'jornal de papel' está ficando mais difícil que achar o Wally. Está mais filosófico. E não é que não estou gostando (até anotei a dica do filme), é só uma observação, talvez tão equivocada como a da crônica clariceana (argh!).

**Edson Valente Reis Maria** Bom dia, Jornal! Ia escrever agorinha, rrs. Até porque peguei agora na caixa de correios o jornale. Espero que venham dias melhores!

Obrigado mais uma vez pelo excelente trabalho que realizam. Grande abraço e ótima semana! Um abraço.

### TENSÃO PÓS-LARIKA

**Carlos Zamarian** Ai pessoal do **Relevo** esportivo, como vai essa força descomunal pela redação em algum banheiro da Vila Hauer? Por obséquio, lembrar a colega que carrega o pseudônimo báltico de torradeira elétrica em promoção, *Sra. Jaïne Oster* (itálico por gentileza), que sua irritabilidade pós-larika é humanamente curável. Basta antes de assistir qualquer título do ator francês amigo pessoal humanitário do mestre Casey Neistat, consumir dois saudáveis prensados do Zeu (verificar possibilidade de cobrar o local pela propaganda espontânea) ali no Bacacha, da Rua Holanda esquina com a Erasto Gaertner (pegar coletivo Cabral-Maracanã). As contorções irão parar instantaneamente e Oster se sentirá mais socializável em algum banheiro próximo à Theater sala na sua grande missão antidepressiva de viver. Obs.: não cobrarei por esse pró-bono. [Gentileza] adicionar em algum lugar da minha carinhosa sugestão o lema nazista do jornal: vida longa ao **Relevo**.

**Carol Bataier** Essa edição de março tá demais. Dei boas risadas com o texto do Bolívar Escobar.

### É O AMOOR!

**Jack Moretto Bezerra** Tomara que cês sigam por muito, muito tempo ainda. O Jornal é de uma qualidade lírica incrível, na moralzinha e de coração (não só porque vocês publicaram um poema meu há alguns anos, mas desde aí já foi crescendo o afeto). Para tode e qualquer humanoide lendo este Comentário©®™, fica aqui o imperativo, digo, a recomendação, de — ASSINEM ESTE JORNAL AMEM ESTE JORNAL CASEM-SE INCONDICIONALMENTE COM ESTE JORNAL. Esperando apenas o sextou do proletariado dia 26 pra renovar minha assinatura, vai, Brazil!

**Elisama Oliveira** Concordo que os 10 motivos para assinar o Jornal são justíssimos, as capas realmente são obras de arte. Obrigada por existirem, também sou fã de jornal impresso.

**JC Martins** Qualidade é o que não falta na mão de vocês, hein... 🙌🙌🙌

**Alex Zani** Eu já morei no Village Park de Botucatu e posso confirmar a informação da descrição de que o **Relevo** é o jornal mais popular do condomínio. Até 2019, o melhor jornal do condomínio era o *Jornal Esboço*, mas após votação na assembleia do dia 17 de setembro de 2019, realizada com 52% dos condôminos presentes, ficou decidido por 5 votos a 2 que o **Relevo** passaria a ser considerado o melhor. A decisão refletiu a preferência dos moradores por conteúdos mais informativos e analíticos, mostrando que, para a comunidade ali presente, o jornalismo literário de qualidade e relevância é fundamental, assim como, é claro, os textos sobre astrologia.

**Iva França** Amei tudo. As aquarelas são incríveis! Estou animadíssima! Recebi os meus exemplares e fico feliz em saber que lá, bem longe, estão lendo o **Relevo**, graças a mim 😊 Recomendo a assinatura. Se isso é possível, o Jornal tem sido a minha leitura de cabeceira. É que falta tempo durante o dia. Pois bem, entusiasmo é o nome desta pessoa aqui.

**Pedro Álvares Cabral** Já recebi a edição o mês, mas tô guardando envelopadinha pra acordar de manhã no dia do meu aniversário, fazer um café, fumar um cigarro e ler.

**Nima Spigolon** Seja um assinante também! Apoie essa voz com RELEVO!

**Veronica Ramalho** O envio mais pontual da literatura nacional! Algumas crianças vêm com as línguas todas prontas.

:(  
:(  
(Como filha de filha de gráfico, é com pesar que me desculpo pela foto do meu exemplar, pois aqui fazem questão que tudo caiba na mini caixa de correio de cada apê, mesmo que não caiba, mesmo que o jornal tenha sobrevivido aos correios e à caixa principal.)

**Sebo Estação dos Livros** Recomendamos e incentivamos a assinatura deste maravilhoso jornal literário. Maravilhoso não só na pontualidade e compromisso com seus assinantes, mas também na diagramação, conteúdo, arte, etc. @jornalrelevo, simplesmente O Melhor!

**Bianca Oliveira** O Jornal chegou. Muito grata por essa experiência palpável com a literatura.

**Felipe Lannes** Muito bem diagramado. Cheio de design.

### PROTESTO

**João Victor Fiorot** Meu protesto aos protestos que o ombudsman zeh levantou contra o meu conto são os seguintes: 1) por que não investigar a vida dos móveis? vai dizer que essa não é uma forma válida de ~lutar contra o capitalismo e a obsolescência programa~?; 2) eu jamais procuraria favorecer o Fluminense, pois Vasco (inclusive, escrevo hoje consternado pela derrota do jogo de sábado); 3) como diria Seu Jorge, é isso aí. Sobre o Jornal, continua me trazendo ótimas leituras, embora eu não o tenha lido tanto assim. Um abraço a todos do jornal e que lerem isso aqui. Atenciosamente.

### À BEIRA DO COLAPSO

**Luis Felipe Mayorga** Na chuva de ontem encontrei o envelope de meu **Relevo** de abril amassado e carcomido em 4 (2 dobras), mas como vaso ruim não quebra, surpresa: o jornal estava intacto. Surpresa maior tive ao ver um comentário meu, originalmente um desprezioso e-mail, publicado na seção de comentários. É sempre um choque encarar as banalidades que vomitamos sem critério no mundo digital na forma impressa, no mundo real. Esse jornale é lindo, mas parece estar sempre à beira do colapso. Assinem e apoiem.

## Ergonomia: eu quero uma pra viver

O tempo, mais do que urgente, é constante. O **Relevo** é um jornal impresso de papel e de literatura que enfrenta o calendário a cada 30 dias. A cada edição em que retiramos os exemplares da gráfica, em que fazemos o mesmo caminho e vemos os mesmos rostos, completamos o atestado da nossa sina: ser impresso.

Dentro do exercício rotineiro de existir como um produto *material*, buscamos nos atualizar para fazer mais do mesmo. Melhor: para nos adaptarmos e, então, fazer melhor este mais-do-mesmo. Entregar um jornal que justifique a presença no tempo é o nosso objetivo, digamos, mais semântico. Funcionamento é o nosso jeito de praticar beleza. Assim, de certo modo, acreditamos em ergonomia.

A lógica é simples. Ao longo de nossa trajetória, que logo se encaminha para 15 anos de existência, aprendemos a 1) operar planilhas; 2) melhorar processos logísticos; 3) calcular custos de curto, médio e longo prazos; 4) prever algumas variáveis; 5) encontrar os melhores espaços de alavancagem de audiência; 6) estudar estratégias de presença física e digital; 7) reconhecer mudanças no perfil de consumo de conteúdo; 8) lidar com as nossas restrições técnicas e de orçamento. Enfim, somos um peculiar modelo de negócio que, para persistir, precisa se comportar como... um negócio, contando com riscos e acasos.

[Entendemos que, se um dia nós simples e inevitavelmente virarmos fósseis nos fundos de uma casa a dois anos sem alugar, não poderão dizer que ficamos acomodados fazendo tudo do mesmo jeito. Estamos sempre buscando alternativas para fazer mais com o que temos à disposição. Não se trata de trabalhar mais, e sim de modo mais inteligente.]

Recentemente, executamos três mudanças operacionais profundas. A primeira corresponde ao sistema de envio de textos para publicação. Acabaram-se os tempos hediondos de envios manuais ao editor, pois resolvemos uma enorme e longínqua dor de cabeça. Trouxemos uma solução elegante: um formulário próprio. Basta seguir as instruções e anexar os arquivos, tudo ainda no mesmo endereço ([jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique)).

O segundo avanço corresponde à otimização do nosso sistema de assinaturas, cada vez mais automatizado e distante da lógica “acertando com o publisher”. É um meio simples, porém efetivo de garantir profissionalismo e transparência nos procedimentos. Alteramos a maneira com que as compras são catalogadas pelo MercadoPago, o que não muda nada para o assinante, mas nos ajuda um tanto.

A terceira novidade diz respeito à Latitudes. A newsletter mensal (e gratuita) é a nativa digital da casa, voltada para concursos literários, editais, feiras, festivais e cursos de literatura. As edições têm entre dez e 15 notas, as quais reúnem as principais informações sobre cada proposta cultural. Trata-se do nosso material com maior compartilhamento, impulsionado pela base qualificada de assinantes do Substack, cheia de escritores, jornalistas, editores, artistas e demais entusiastas desse negócio de uma-palavra-ligada-na-outra. Muitos assinantes, inclusive, migram da assinatura digital para a física, colaborando para o custeio de nossa operação.

Desde a edição de maio, temos espaços pagos dedicados a lançamentos de livros ou à divulgação de obras de editoras independentes e de autores autopublicados. Trazemos – com aviso de publiceditorial – a capa, uma pequena sinopse e as informações de acesso ao conteúdo. Assim, buscamos ampliar o nosso fôlego financeiro e apresentar mais uma novidade dentro do escopo de possibilidades de um jornal impresso que se considera *conectável*.

Nosso intuito prático final, em todas as novidades, é conseguir viabilizar o Jornal. Em suma, pagar a gráfica → pagar os envios pelos Correios → pagar a nossa equipe que seleciona e produz conteúdos → seguir publicando. Nosso intuito mais difícil de mensurar, mas nem por isso menos fundamental, é melhorar a experiência do leitor, do assinante e do colaborador. Assim, nos esforçamos para entregar o melhor jornal possível dentro de uma jornada de 30 dias.

Uma boa leitura a todos.

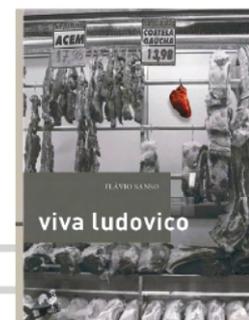
## APOIADORES



**FLESCH'S NOTES**  
*Costurando cadernos • Realizando sonhos*



**MARLON REIS  
& ESTORILIO**  
ADVOCACIA



## Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Zeh Gustavo

## O ALIMENTO do zelador sensível

*Acontece*, já dizia Cartola<sup>1</sup>, sem que a gente deva prescindir do conselho. Você está ali, *distraídois...* (Mussum é desinência neutra de raiz!<sup>2</sup>). E dá de cara com algo – *aquele* algo, que pode ser uma pessoa, uma coisa; uma paixão, um assaltante; um arco-íris, um tsunami. Chamam de destino, mas a gente podia aprender, um dia, a tratar a poesia pelo nome.

★

*Acontecimento* é um achado que não se procura, logo adiante; tampouco num retrovisor, quer irradiado de ternura ou de indignação. O acontecimento é uma *situação*. Certo movimento tomou tino das duas noções e tratou o mundo a fim de reivindicá-lo outro: o *situacionismo*. Um de seus maiores expoentes, Guy Debord, sacou da tese da *sociedade do espetáculo* para destrinchar as manhas do fetiche da mercadoria, em sua associação com o estabelecimento da imagem visual como linguagem soberana de nosso tempo – isso na década de 1960! Direto ao ponto: a imagem visual sequestrou o instante – junto com o prazer do presente – e não pediu resgate. Até hoje.

★

Ah, Jaine Oster: “Assim como o fim do mundo, a epifania, essa palavra tão gasta, não vem de uma explosão, mas de um lamúrio – ou mesmo um bocejo.” *Lamúrio* é o que mais vocês têm de mim – dou o meu melhor, não? E aceito, em troca, um bocejo. *Boom!*

★

Desafio do mês: descubra a frase lapidar do editorial de abril e, com seu talento, a transforme em sabedoria de para-choque de caminhão. Dica: se você trocar o sujeito dessa frase por *O samba* ou *A literatura* ou *A arte*, juro que vai dar, o sentido, quase no mesmo.

★

*Arte* é o banheiro invisível cujo zelador, tal de artista – também conhecido, no baixio, por alcunhas como *Se Fosse Bom Estaria na Globo*, *Um Dia Ainda Vão Te Descobrir* e *Vagabundo da Rouanet* –, limpa os dejetos de uma sociedade prisioneira de sua pouca afeição ao que de fato importa. E, no geral, ninguém lhe agradece por isso. *Ah, a pandemia...* Responderia o Pedro Pedreira, inesquecível personagem do ator e último vereador eleito pelo Partidão no Rio, Francisco Milani: “Não me venha com chorumelas!”.

★

*Bobos de criação* (ainda Jaine!) não merecem sacos de pipoca. Merecem ser posto para fora do cinema (ou do parquinho). Pega a lógica, pelo rabo: Glauber Braga chutou foi pouco!

★

*Enclave*: vivemos imersos num, em meio à deprimência dos anúncios, à bestial virtualização e empobrecimento das experiências e ao surto de autodestruição financeira. Apesar disso, e em vão, e não, (ainda) escrevemos.

★

Ah, Anne Carson: “Nosso amor, *esse incendiário meio doido*, / corre uma vez ao redor da sala / chicoteando tudo / e se esconde de novo.”

★

*Instante* é o fundamento do nosso devir transeunte; sopro de vida, sob ruídos de um antes, em rota de alguma ainda possível (re)inauguração.

★

Ah, Maiakóvski: “Eu fico sozinho, como o último olho / de quem vai embora com uma pessoa cega!”.

★

Por outro, e mais um; o primeiro, o próximo, o último. A gente ainda o sente por perto, como que entrevisto na *noite esconderijo* a que se refere Menalton Braff. O instante insiste. E acontece.



### Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

### Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

<sup>1</sup> “Acontece” foi a música predileta do vate da Estação Primeira, para quem *ninhos de amor no vazio* consistiam em tema assaz angustiante. O Angenor era um baita dum *zelador sensível* das dores que perpassam todas as eras e esferas.

<sup>2</sup> Já subjaz evidente que lacrar exige uma seriedade, uma soberba, um ar suposto sóbrio, academicuzinho ou zão, né? Então, pra que citar o Antônio Carlos, que ainda por cima era preto (não militante), músico e palhaço?! Por que aderir a um modo humano-humorado de lidar com traumas, dívidas, transvisões do passado? Madame Treta não gosta que ninguém sambe.

Adriano Monte Alegre

## OS VÍNCULOS

Eu estava com nove anos quando descobri que o casal que havia se mudado para a residência ao lado da minha tinha dois filhos, cujos corpos viviam colados um ao outro – uma condição rara denominada xipofagia. Os irmãos siameses, Mário e Marco, possuíam cada qual um único braço e uma única perna, e só pela soma é que achavam a unidade. Os cérebros de um e de outro comandavam apenas os membros de uma lateral do corpo, de forma que, para se deslocarem, precisavam estar em perfeita sintonia. Por sorte possuíam, cada qual, uma cabeça íntegra, posto que existiam notícias de siameses presos pelo crânio e até partilhando a massa cefálica.

A imagem dos irmãos com o tórax fundido e as duas cabeças lado a lado era tão surpreendente que me hipnotizava. Os gêmeos conjugados tinham apenas dois anos a mais do que eu, e o quadro havia mexido comigo de tal sorte que meus sentimentos brigavam entre o desconforto e o deslumbramento. Bem evidente que eu não sentia prazer em vê-los submetidos aos impedimentos. Isso não! Em nenhuma hipótese. Mas aquela condição estúrdia me impressionava. Era como se a revelada anomalia me descortinasse para os desvarios da vida, capazes de conceber e fazer sobreviver dois indivíduos presos entre si pelos ossos, carnes e nervos.

Mais adiante, quando descobri que os siameses seriam matriculados na mesma escola em que eu estudava, meu coração palpitou. Eram os efeitos da adrenalina. Por certo, a sensação vinha do privilégio de poder testemunhar cotidianamente a exótica condição biológica daqueles seres humanos. A exaltação, a bem da verdade, atingiu a todos do colégio, haja vista que durante os intervalos das recreações, no pátio, Mário e Marco eram cercados por inúmeros estudantes. Ali, lamentavelmente, vários curiosos saíam do bom senso e lhes faziam perguntas constrangedoras. Havia sempre um burburinho de maldade e uma nuvem de prazer, perverso, que o drama evocava no coração dos bisbilhoteiros. Tudo era motivo de alvoroço. E com tantos pré-adolescentes juntos, inclusive alguns endiabrados, não demorou a “correr” a notícia de que os siameses eram os únicos estudantes autorizados a realizar as provas em dupla – um anúncio, certamente, provocante e descabido.

Às vezes, encontrava-me com os gêmeos na sala dos jogos de tabuleiro. Nos enfrentamos no xadrez por três vezes. Eram muito bons, nunca pude vencê-los. Nessas ocasiões os colegas, presentes, não perdiam a oportunidade de fazer uma brincadeira: “Também, dois contra um é covardia”. Na hora, sorriamos todos. Por intermédio de terceiros, descobri que os irmãos tinham o coração e os pulmões independentes. Era o que diziam. A informação me chamou a atenção, pois notara que Marco tossia com frequência, ao passo que isso não acontecia com o Mário. Não sei se era um reflexo alérgico ou se o Marco tinha uma pequena disfunção associada a uma eventual partilha orgânica, ou até mesmo a um não compartilhamento de órgão como parecia existir.

Era triste vê-los entregues àquela prova de vida. Não podiam jogar bola, correr, ir ao banheiro sozinhos, e tantas outras coisas. E só porque aprendi com meus pais que não era bom sentir pena das pessoas, me esforcei para ocultar o meu lamento. Ao final, a lição serviu. Com o apoio das famílias, tornamo-nos

amigos, e passamos a compartilhar idas e vindas entre as residências. Descobri rapidamente que, apesar da semelhança física entre eles, tinham personalidades distintas – um era mais introspectivo, o outro mais falante. Vê-los de perto, conhecê-los nos detalhes, me fez perceber os meus privilégios.

Por quatro anos, estivemos tão próximos que eu já era quase como um terceiro irmão não amalgamado. Então um dia, aconteceu de papai conquistar um concurso público em outro estado, e tivemos de organizar a mudança – sairíamos do Sul do país e iríamos para o Norte. E logo nos vimos, papai, mamãe e eu, diante das malas.

Encontrava-me com 13 anos quando nos prendemos, os três, em um longo e forte abraço. A despedida foi doída. Não contive as lágrimas, e entrei abatido no carro. E, logo, o veículo foi se afastando, se afastando. Girei, ainda, o corpo na direção do vidro traseiro para balançar uma das mãos. E vi pela última vez, em pé na calçada, os siameses com meios sorrisos amarelos, retribuindo o aceno, também sofreados pela tristeza do adeus.

Dez anos depois, voltei a pensar nos gêmeos com muita intensidade. Fazia, exatamente, uma década que não nos falávamos. Sentia-me um ingrato, sobretudo em relação àqueles irmãos que me permitiram viver uma experiência sem precedentes. Eles, que me desvelaram a realidade do insólito, a coragem exemplar, suas gentilezas, e das vezes em que sorrindo, simultaneamente, faziam o tempo parar diante de nós.

A verdade é que, se existia entre os dois um vínculo de carne, entre nós três havia um laço imaterial. Estive ao lado de um Mário tímido e de um Marco expansivo. E suas diferenças, no meio daquela cola, me pareciam mágicas. Durante a nossa infância, reconhecíamos a existência de algo inexprimível nos benefícios emocionais que permutávamos. E era por todas essas coisas que eu precisava reencontrá-los – meu coração pedia.

A viagem seria de surpresa, sem nenhum aviso prévio, fosse por cartas ou ligações. E se os gêmeos não estivessem mais residindo na minha antiga rua, eu os procuraria onde quer que pudessem estar. E foi assim que parti como quem parte à procura de si – aos 23 anos, em um final de semana prolongado.

Primeiro, em um estalar de dedos, o avião decolou do Norte e aterrissou no Sul do país. Depois, em um piscar de olhos, peguei do aeroporto um táxi e fui em direção ao antigo bairro. E, logo, já estava pisando o chão do meu passado. Ao sair do veículo, notei o calçamento de pedras portuguesas e as enormes amendoeiras. As cores do local estavam lá. Vi a antiga residência. O seu portão havia mudado, ganhara barras de ferro. E, atrás dele, um corpulento cão fila brasileiro fazia guarda. O animal latiu em minha direção. Resisti por um tempo, a fim de observar através das grades o quintal onde tanto brinquei. Também reparei que os muros cor-de-rosa da vizinha haviam adquirido um tom mais escuro. Depois precisei me afastar do ponto em que estava, pois já não era possível ficar próximo ao portão com o animal espumando de tanta braveza. Quantas lembranças! Avancei pela calçada. A morada de Mário e Marco estava situada duas casas mais à frente. Diminuí a amplitude dos passos para pensar no que dizer quando os visse. O coração palpitou.

A casa estava quase intacta. E como seguia o padrão de construção da maioria dos domicílios do local, da rua, era possível ver grande parte do quintal. Então, toquei a campainha. Esperei. Ninguém atendeu. Acionei a sineta outra vez. Esperei. Passou mais um tempo e nada. Talvez a família não estivesse. Cruzei os braços. Aguardei um pouco mais. Toquei novamente. Insisti. Ninguém circulava na rua. Considerei deixar o local. Estava ciente da possibilidade deste desencontro. Ficaria em um hotel e retornaria na manhã seguinte. Decidi ir embora. Todavia, antes de me mover, escutei um som longínquo de alguém mexendo em um trinco no interior da casa. Então estiquei o pescoço e abri os olhos cheio de expectativa. Foi quando, do seu interior, vi sair um sujeito apoiado em um andador. O aparato era preparado para compensar a ausência dos membros de um dos lados do corpo. O indivíduo, preservado em sua metade esquerda, devia ser Mário. Ele usava uma barba cheia, e os seus cabelos tocavam nos ombros. Sem reação, emudeci. Senti um súbito enjoo. Suei frio. E ali, em uma fração de segundos, pensei em muitas coisas – algumas boas, outras ruins.

A vida tinha mesmo um “jeito” cru de exhibir seus feitos. Meus olhos marejaram lágrimas indecisas. As sensações eram bem confusas. E até ali, uma única certeza: os siameses haviam se separado.

Adriana Vieira Lomar

## A concubina sem cabeça

Sempre tive dor de barriga como prenúncio. A lua cheia se aproximava no descer do dia. Suas mãos balançavam a rede, e o medo ora fugia, ora voltava. De cima, avistávamos o canavial e suas fronteiras, também as inúmeras estrelas ao redor da lua. A noite, enfim, ancorava-se na casa, e eu precisava de sua presença para afugentar o medo do que viria.

Nós duas, naquela imensidão, tratávamos de escutar o vento chacoalhando os ramos dos cajueiros e goiabeiras. Mãe e pai estavam na cidade tratando de matricular meus irmãos, que aproveitaram para dar uma espiada nas novidades.

Minha matrícula já estava assegurada e, mesmo que não estivesse, eu não sentia nenhum tipo de fascínio pela cidade. Gostava mesmo daquela paisagem, dos doces das mãos que embalavam a rede e contavam histórias mal-assombradas.

Estávamos sozinhas naquele fim de semana, e ela se sentia à vontade para me contar sobre Mula sem Cabeça, que aparecia em noite de lua cheia.

Medrosa, escutava:

– Mia fia, você precisa obedecer mais e tratar de dormir. Do contrário, a mula vem, te carrega e não vou conseguir te pegar de volta.

Eu enfiava o dedo na boca e a olhava, com os olhos arregalados, que eram como eu perguntava “e me conta como é a cara da mula, você já viu?” Ela entendia minha expressão e prosseguia contando a história da mula:

– Fia, era uma vez uma muié da vida que se amasiou com o padre. Aí, danou-se. Tanto fogo, tanto fogo, vem desembestada e pega todo mundo que tiver no caminho, inclusive as criancinhas.

Eu escutava atentamente até o gorjeio do carcará me fazer tremer inteira. Meu corpo franzino se arrepiara. Procurei os braços dela e reclamei por sono, mentindo para salvar a pele. A rede se balançava e, não fosse o medo da mula, talvez ficasse ali no sereno contando aquela imensidão de estrelas.

– Amanhã você me conta por que ela não tem cabeça.

– Sim, minha menina, amanhã...

Fomos até o quarto, e o segundo capítulo da história de Mula sem Cabeça estava adiado. Sem conseguir fechar os olhos, observava o andar da caranguejeira felpuda e o quanto me fitava. Como todos os dias de lua cheia eu a via, já tinha lhe dado um nome: Estela. E passei a conversar com Estela, enquanto a mão, que antes embalava a rede e me contava histórias, roncava.

– Estela, se a mula aparecer aqui, pique a malvada.

Estela me olhou com atenção e piscou. Quanto a mim, fechei os olhos e me senti guardada.

Acordei bem cedo e me arrumei sozinha. Queria porque queria saber o motivo de essa mula não ter cabeça e porque ela matava todos que encontrasse pela frente. Fui para cozinha, atrás daquelas mãos. O sol tinha, dourando os pés dos cajueiros.

– E aí, por que a mula não tem cabeça?

– Depois falamos, tenho de cuidar da casa.

– Eu ajudo.

Ela sorriu, e o sorriso quase dizia “essa fedelha vai me atalaiar!”  
Eu ia atrás dela em tudo que fazia, para fazer o mesmo. Estranho: terminamos na mesma hora. Tenho a intuição de não ter conseguido ajudar em nada.

A tarde foi se diluindo. Corri para a rede, para assistir ao pôr do sol. Ela já estava a postos, com um prato de banana machucada com aveia.

– E aí? Conte!

– Tem certo assunto que menininha não pode saber.

– Que a mulher gostava do padre e padre não pode gostar?

– Você é muito da esperta!

– Então! Conte...

– Pois, bem, a muié da vida se amasiou com o padre e...

– E?

– De castigo, a mula do padre tomou o corpo da muié e...

– Só por que ela gostava do padre?

– É pecado, menininha. Deus castiga e, de noite, ela sai desembestada e sorto o fogo pela venta! Derruba tudo, feito o Demo!

– Coitadas! Da mula e da mulher!

– Coitada? E onde já se viu chamegar com o Monsenhor?

– Já vi coisa pior!

– Você só tem oito anos! Não conhece nada da vida.

– E o padre não vira nada? Continua rezando missa?

– Melhor mudar de assunto. Tá na hora de dormir.

– Mas a noite nem apareceu!

– Vou embora rezar.

– Você não vai me deixar aqui, sozinha, vai?

– Quem mandou falar mal do Monsenhor?

– Só fiz uma pergunta.

– Pergunta infeliz.

Escutei um trote quando as estrelas começavam a se chegar. Meu corpo se arrepou, sabia que era verdade. A Mula sem Cabeça existia, e eu acreditava que ela não ia me poupar, mesmo não concordando com as razões do feitiço. Por mim, ela podia gostar de quem ela bem quisesse.

Acordei com o barulho dos carros chegando. Pai, mãe e a trupe.

Na grande mesa, mãe chega e, sem perceber que eu estava escutando, diz para o pai:

– Soube, meu bem? O padre do arruado se amasiou e largou a batina, o danado! Por sinal, fez ele muito bem, não acha?

Silêncio, meu pai não era dado a julgamentos. Pode ter sido o silêncio que me fez olhar para a contadora de histórias e pedir para ir para cama mais cedo. Dessa vez, fiquei encarando Estela e abri bem os olhos. Volta e meia, escutava o trote em direção à grota, e rezava para o feitiço acabar e a moça voltar a ser.



*você tem  
um livro de poesia?*

*nós temos  
seus leitores*

*envie um email para  
[contato@faziapoesia.com.br](mailto:contato@faziapoesia.com.br)  
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*

Yasmin Wachholz

(carta)

ao jornalista da zona norte,  
correspondente de lugar nenhum,  
e todas as outras maneiras que tenho de ocultar teu nome,  
há um furo para uma reportagem ridícula: as inutilidades se tornam oportunas  
quando ouvidas.  
pensei na capa perfeita: uma foto baldia + uma chamada que não interessa a  
ninguém.

**ATENÇÃO!**

**catarinense afirma não gostar de geleia até provar cheesecake!**

ou qualquer coisa parecida.

e não se limite por aí, há infinitas possibilidades dessas:

**HOMEM EM METRÔ DA GRANDE SÃO PAULO TENTA VEN-  
DER LATINHA DE CERVEJA ABERTA PARA DUAS JOVENS [e o  
motivo vai te surpreender]**

concordamos com Wes Anderson ou só gostamos muito de telas saturadas?

**mulher escreve cartas a Deus, mas nunca as envia**

sinto que essas são matérias que merecem ser escritas e contadas, se é que tenho  
todos os fatos.

a questão é: todas as manhãs tenho a visão dessa mulher, sentada na varanda logo  
em frente à minha, escrevendo em um bloquinho, ou pior! apenas imaginando  
cartas que escreveria a Deus.

ela nunca as manda e, claro, como poderia? quem tem tanto assim a dizer ao Ser  
Supremo? e ainda as escreve cheias de idioletos, da maneira mais informal que  
pode imaginar, codificando Seu nome com letra minúscula.

o que a justiça pode fazer? há alguma chance deste caso ter atenção pública? con-  
sidere estes furos de reportagem frívolos, porém não confie em mim, jornalista,  
não sou interlocutor confiável nem pra mim mesma.

se as enchentes do bairro que agora conheces tão bem não rendem tantos clicks,  
considere passar por aqui e observar o absurdo comigo. não leve a mal, respeito  
todas as enchentes e terremotos de magnitude superior a 3 na escala Richter,  
apenas tenho um forte compromisso com a imprestabilidade que me leva a com-  
partilhar estas e outras notícias inúteis da praça central com você, e também não  
se engane, não sabes de metade da história. há tanta coisa pra discutir, mas me  
refreio, se relato tudo agora, que restará pra contar aos amigos?

@escritormayorga

O que acontece quando um  
repórter *junkie* é isolado com  
30 militares a 1200km do  
continente? Descubra em  
**PSICOTRÓPICOS DE  
CAPRICÓRNIO NA  
ILHA DA TRINDADE**

operaeditorial.com.br



Quer saber como é dura a  
vida de um pinguim? Peça  
o seu exemplar de  
**A VIAGEM DO PINGUIM**  
no site:

caravanagrupoeeditorial.com.br

@escritormayorga

# Cosmobol: metaesporte que mistura todos os outros esportes promete conquistar brasileiros – não sem antes roubar o que lhes resta de lucidez

*Cansado do foco excessivo sobre futebol na cobertura esportiva brasileira, o **Relevo** quis dar voz a uma nova modalidade extraordinária. O problema: não conseguimos entender nada. Confira a seguir o nosso descenso até o coração das trevas.*



Eram aproximadamente 19h quando a equipe do **Jornal Relevo** desembarcou em Serra Talhada (PE) para cobrir a partida do ano. Nada de Copa do Mundo ou Libertadores. Nada de Wimbledon, Interlagos, NBA, X-Games. Nada de Olimpíada.

Não havia bandeiras de Flamengo ou

Corinthians. Ninguém se importava com Bernardinho ou Rayssa Leal. Zero referência a Maria Esther Bueno ou Gustavo Kuerten. Nenhuma Hor-tência, nenhum Oscar. Sem “Ayrton Senna do Brasil!”, “Giba neles!” ou “TAFAREEEEEEEELLLLLL”. Nenhuma camiseta pirata de clube

secava atrás da geladeira ou algum trabalhador se preparava para jogar em algum campeonato de futsal de sindicato.

A região inteira estava congelada – em 31 °C – para testemunhar a partida entre Júbilo Solar e Fênix Marinho, o popular Azulão. O palco?

Estádio Municipal Nildo Pereira de Menezes, repaginado com novas estruturas de arquibancada, banheiros e lanchonetes. A modalidade? Cosmobol, febre absoluta entre os jovens da região. Neste momento, iríamos citar Tristes Trópicos, do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, e apresentar referências entre práticas dos indígenas da tribo bororos e a nova modalidade, mas, numa simples verificação do detector de uso de chat GPT, descobrimos que isso não fazia o menor sentido e resolvemos, então, não dar sequência nesta relação e apenas chamar a atenção do novo estagiário do Jornal para que ele não cometa mais esse tipo de erro. Sigamos.

\*\*\*

“Tudo que sou, devo ao cosmobol”, alega Tó Carvalho. Mas o que é o cosmobol? E quem é Tó Carvalho? É aí que as coisas se complicam.

Para começar, a FBC (Federação Brasileira de Cosmobol) proíbe absolutamente qualquer tipo de filmagem e sequer se dá ao trabalho de divulgar uma tabela antecipada de jogos. A página da instituição na internet (fbc.com.br) é, tecnicamente, um fotolog de 2006 sem qualquer informação sobre missão, visão ou valores, que dirá regras ou um reels Quem Somos satisfatório. A página se resume a dizer que “Somos quem queremos ser”, numa alusão ao Engenheiros do Hawaii que o nosso estagiário tratou de considerar “esqueci aquela palavra lá pra coisa de velho esquisito”, e a contragosto concordamos para manter algum respeito com as gerações posteriores. Na aba Tabela, vemos apenas uma tabela periódica, seguida por uma tabela Fipe de outubro de 2012, seguida por uma imagem de

tabela de basquete. Se isso soa como um tiro no pé no contexto comunicativo contemporâneo, o efeito (calculado ou não) foi o exato oposto. Naturalmente, ao ser proibido, o brasileiro ficou curioso, afinal, quanto mais próximo das práticas do Jogo do Bicho ou dos efeitos psicológicos do Jogo do Tigrinho, maior o potencial viral na cultura tupiniquim ou tupinambá, de acordo com Claude Levi-Strauss.

O regulamento do cosmobol é complexo. Trata-se de um esporte, quanto a isso não há dúvida. Porém, a modalidade – descrita por um sociólogo local (desempregado) como um “metaesporte revolucionário capaz de misturar todos os esportes do mundo” – tem regras um tanto confusas. Natural para uma proposta tão ampla. O fato é que o regulamento, de acordo com a FBC – não confundir com o autor de ‘Se Tá Solteira’ e outros hits contemporâneos –, parte de um manuscrito asteca supostamente encontrado pelo empresário Maurício Sapecca, que se encontra foragido, mas topou conversar com o **RelevO** por meio de videochamada sem revelar de onde falava.

Hesitante, reticente e nada asteca, Sapecca trafega entre diferentes camadas da picaretagem, respondendo a processos que, grosso modo, remontam a diversos esquemas de pirâmide. No entanto, algo acontece quando ele fala sobre cosmobol. Seu olhar muda, sua voz ganha vida. Após minutos e minutos e minutos de ladainha, bravatas e dois comentários assustadoramente incestuosos, Sapecca parece... humano. É possível ouvir *verdade* nele, que – juramos – soa como um genuíno descobridor de um artefato místico. Se o Universo cedeu tamanha dádiva a um boçal para nos testar ou se ele simplesmente desenvolveu sua palermice a ponto de explorar outras esferas do logro, ainda não sabemos. O embusteiro alega ter herdado o documento de um cliente endividado. Perguntamos se era um pergaminho, ao que ele respondeu “pega a minha” e voltou ao normal. A partir dali, não descobrimos mais nada, além do fato de que os presidentes dos clubes de cosmobol são comunicados sobre as partidas por recados entregues por motoqueiros chamados Arnaldo. Todos eles se chamam Arnaldo, e se não há um Arnaldo disponível, não há jogo.

Pois bem, antes de fugir para um destino desconhecido (que claramente

é Dubai, e não adianta trocar o fundo do vídeo por um papel de parede de escritório para esconder), Maurício Sapecca juntou amigos, clientes, futuros réus, futuras vítimas e demais velhacos para testar aquilo que – supostamente – aprendera com o – suposto – documento. O resultado foi a primeira partida brasileira de cosmobol, registrada no Facebook de um idoso (tautologia?) presente no local, o ginásio Troizinho Sapecca, construído ano passado com os fundos funestos da XKLN-QY, *holding* de Sapecca, e nomeado em homenagem a seu dobermann. As equipes eram justamente Júbilo Solar e Fênix Marinho, e não sabemos quantas existem na “divisão prata platinum AstroBet dois”, curiosamente a divisão de elite da categoria.

Quinze dias depois, 45.000 pessoas se engalinhavam para conferir Lua de Sol contra Casco da Vama. Metade de população de Serra Talhada. Não há registros em vídeo ou testemunhas propensas a falar. É como um transe coletivo. Em uma suposta filmagem clandestina de 14 segundos de um Motorola V3 obtida com  *muito* esforço, o **RelevO** viu duas equipes de muita... gente. Um caos. Uma atleta, supostamente Sonya “*La Bruja*”, trazida diretamente de Minsk, Bielorrússia, executou um movimento que só podemos traduzir como a mistura de um... *kickflip* com um *forehand* com um toco no garrafão com uma puxeta. Nunca conseguimos falar com Sonya ou comprovar sua existência.

O povo foi à loucura, talvez esperando uma parábola que explicasse com alguma lógica o motivo de, antes de todas as partidas, executar-se a Cerimônia do Chá Verde na abertura dos jogos, em que jovens entram correndo em campo em meio a uma fumaça que muito se assemelha àquela proporcionada por cigarrinhos de artista, para incômodo do Ministério Público e do Conselho Tutelar, mas para deleite de Juninho Antunes, o Perninha, que havia encantado seus amigos ao noticiar que a “tocha olímpica” estava vindo para Serra Talhada, e então lhes presenteou com “o maior baseado já visto no Nordeste inteiro”. Consultado pela reportagem, o autointitulado influenciar apenas repetiu a história enquanto sua mãe chorava ao fundo, vendo uma novela do Canal Viva.

\*\*\*

Marlon Breno, mais conhecido como Bronco, é uma figura central para entendermos o que é o cosmobol. Responsável pelos direitos de transmissão do cosmobol – que, repetimos, não pode ser transmitido –, em entrevista exclusiva (e inclusiva também, pois ele fez questão de trazer à nossa redação um sagui de estimação chamado Pipico, detentor, segundo ele, do dom da clarividência), Bronco contou já ter contrato com a AstroBet, a primeira casa de apostas voltada a amantes de esportes e astrologia, fundada pelo ex-jogador Pepeco (também foragido).

Perguntamos a Bronco por que ele gastou uma nota para transmitir uma modalidade cuja transmissão é expressamente proibida pelo suposto código asteca, e ele apenas piscou. Sentíamos certo improviso em sua *nonchalance*, o que logo ficou claro pela maneira impulsiva com que o garoto devorava biscoitos de champanhe, um a um, freneticamente, tal qual um dragão-de-komodo após jejum intermitente. “Ok, meu pai é meio forte no agro em Mato Grosso e acabei torrando parte do patrimônio dele — mas vai rolar, nós estamos em contato com a FBC”.

O canal GOAT também teria manifestado interesse em transmitir o campeonato, contudo Bronco ainda não teria se pronunciado porque evita fechar acordos importantes “com gente de Áries” ou quando Pipico está de mau humor. Perguntamos se Bronco ao menos havia assistido a alguma partida da modalidade, e logo percebemos que tínhamos desperdiçado uma tarde inteira.

\*\*\*

Por fim, Tó Carvalho. Suposto craque em um esporte “cuja individualidade não existe, pois mais que entrosamento é preciso haver a verdadeira simbiose completa, todos são um só no certame holístico do cosmos” – em suposta tradução do suposto pergaminho asteca –, ele evita tecer comentários muito elaborados. Até porque, visivelmente, assim como muitos craques do esporte mais amado do Brasil, Carvalho não consegue. O atleta vem de um contexto simples, modesto, fod\*\*\* mesmo, e claramente não desenvolveu a cognição em seu grau máximo por ausência de comida e excesso de violência familiar em anos formativos. Segundo alguns entusiastas corajosos o

suficiente para compartilhar seu ânimo conosco, essa é sua principal virtude. *Tabula rasa*, Carvalho reuniria toda a limpeza mental do zen-budismo para não só praticar, mas *ser* o cosmobol.

A imprensa de Serra Talhada também especula que Carvalho estaria passando por dificuldades no amor. Tentamos extrair informações, mas fomos recebidos por um olhar inocente e vazio.

\*\*\*

O que, afinal, é o cosmobol? Como sua prática manteve tamanho sigilo até agora? Suas partidas serão expostas? O cosmobol será *mainstream* e, depois, “meio paia”? Estamos todos envolvidos em um novo tipo de seita com um novo conceito de esquema de pirâmide? Por que Serra Talhada? Como sempre, o **RelevO** vai atrás de respostas, não as encontra e fomenta aquele discursinho perdedor de que o importante é fazer as perguntas certas. A Federação Brasileira de Cosmopol ainda nos ignora, mas prometemos não desistir. A quem queremos enganar? Já desistimos: melhor ver o Mengão mesmo. Povo esquisito. 🍀🍀🍀

# *Dias Perfeitos: em que consiste uma vida bem vivida?*

*Como essas coisas que não valem nada  
e parecem guardadas sem motivo  
(alguma folha seca... uma taça quebrada...)  
eu só tenho um valor estimativo.<sup>1</sup>*

Wim Wenders produziu grande beleza, e dessa vez em Tóquio. Este alemão é o diretor de *Paris, Texas* (1984) e de outros quatro filmes que seu amigo formado em Cinema te recomendou à toa (incluindo *O Sal da Terra*). Sua última obra, *Dias Perfeitos* (2023), acompanha um zelador japonês a viver uma rotina mundana — o que, logo questionaremos, talvez não seja um pleonasma.

Hirayama, o protagonista (**Koji Yakusho** no mais alto nível), limpa banheiros. Com esmero, capricho, atenção. Ele acorda sempre do mesmo jeito; toma o mesmo café da manhã; locomove-se da mesma forma; mantém os mesmos hábitos (fotografia, jardinagem); descansa na mesma praça; banha-se no mesmo lugar; bebe o mesmo *highball*. Suas tecnologias já pararam no tempo, o que não demove seu prazer, uma vez que ele permanece entusiasta dos alimentos da alma, como música e literatura.<sup>2</sup>

Ao sair do cinema — pela primeira vez, pois acabei reassistindo dois dias depois —, os pômulos tremendo na contenção de lágrimas, retomei alguns questionamentos a que recorro com frequência. Isto é, sabendo que nosso tempo é finito, por que fazemos o que fazemos? O que significa *aproveitar a vida*?

**Em outras palavras, em que consiste uma vida bem vivida?** Algumas alternativas óbvias e cumulativas: viajar pelo mundo. Conhecer um grande amor (ou vários). Conquistar poder. Acumular dinheiro.

Qualquer indivíduo que já tenha vivido mais de meia hora neste planeta tem a humildade de não subestimar nenhum desses fatores e, ao mesmo tempo, reconhece que acima de todos eles reside o bem-estar volátil, intempestivo e eternamente angustiado de cada um. Viajar pelo mundo com um grande amor e muito dinheiro certamente ajuda, mas não garante satisfação alguma — não para sempre. Se **Anthony Bourdain** se matou, por que eu não me mataria?

Com maestria técnica e, principalmente, uma sensibilidade absurda, *Dias Perfeitos* nos permite absorver como “felicidade” é uma ideia complexa, contraditória e transitória. Mais que isso — a beleza se encontra em dois opostos complementares: (1) a repetição consciente e (2) a quebra inesperada, isto é, aquilo que não pode nunca ser planejado, esperado, calculado (seja o efeito do vento nas folhas, seja o frescor do contato com alguém indiferente às convenções sociais). Abraçar o primeiro ajuda a saborear o segundo.

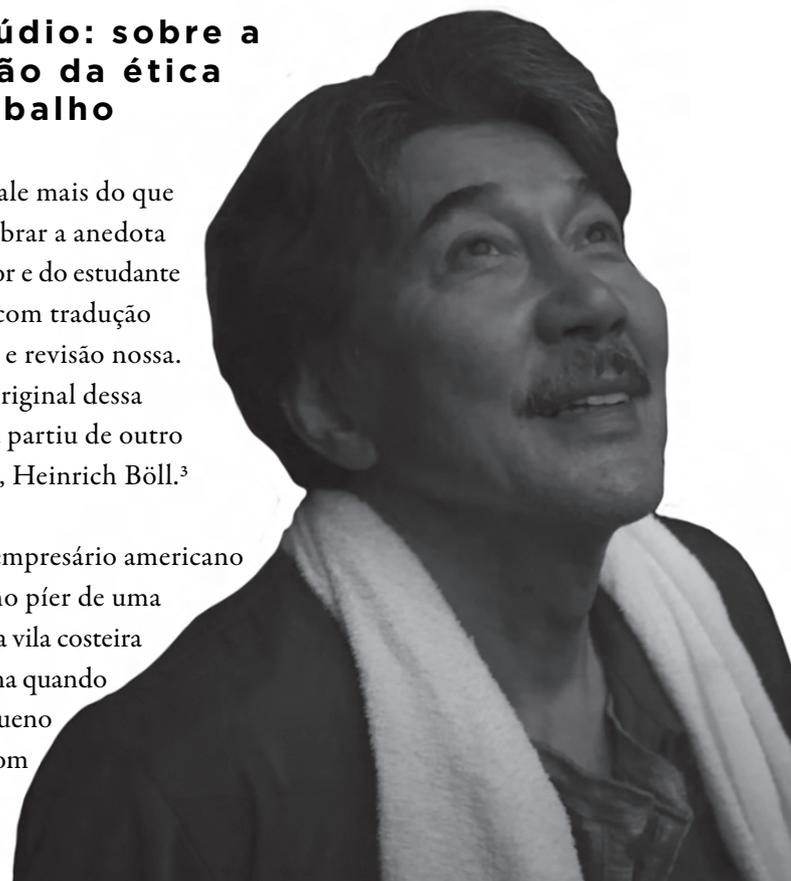
Não se trata de um filme sobre “a beleza das pequenas coisas”, algo assim. Seu grande mérito é expressar de maneira tão singela como a alegria está contida na tristeza e vice-versa. Não há nada além do agora — o que não é uma frase motivacional, apenas descritiva — e nada existe além da nossa tão esquecida atenção.

E afinal, em que consiste uma vida bem vivida? Por ora, paramos para um interlúdio.

## **Interlúdio: sobre a redução da ética de trabalho**

Aqui, vale mais do que nunca lembrar a anedota do pescador e do estudante de MBA, com tradução via DeepL e revisão nossa. A versão original dessa historinha partiu de outro alemão (!), Heinrich Böll.<sup>3</sup>

“ Um empresário americano estava no píer de uma pequena vila costeira mexicana quando um pequeno barco com apenas



um pescador atracou. Dentro do pequeno barco havia vários atuns albacora grandes. O americano elogiou o mexicano pela qualidade do peixe.

*O MBA americano de Harvard:* quanto tempo você levou para pegá-los?

*Pescador mexicano:* só um pouco.

*MBA:* por que você não fica mais tempo fora e pega mais peixes?

*Pescador:* tenho o suficiente para atender às necessidades imediatas de minha família.

*MBA:* mas o que você faz com o resto do seu tempo?

*Pescador, respondendo com um sorriso:* durmo até tarde, pesco um pouco, brinco com meus filhos, tiro uma siesta com minha esposa, Maria, passeio pelo vilarejo todas as noites, onde tomo vinho e toco violão com meus amigos.

*MBA, interrompendo impacientemente:* olhe, eu tenho um MBA de Harvard e posso ajudá-lo a ser mais lucrativo. Você pode começar pescando várias horas a mais todos os dias. Depois, você pode vender os peixes extras que pescar. Com o dinheiro extra, você pode comprar um barco maior. Com a renda adicional que esse barco maior trará, em pouco tempo você poderá comprar um segundo barco, depois um terceiro, e assim por diante, até ter uma frota inteira de barcos de pesca. Orgulhoso de seu raciocínio aguçado, ele elaborou com entusiasmo um grande esquema que poderia trazer lucros ainda maiores: — Então, em vez de vender seu pescado para um intermediário, você poderá vender seu peixe diretamente para o processador, ou até mesmo abrir sua própria fábrica de conservas. Eventualmente, você poderia controlar o produto, o processamento e a distribuição. Você poderia deixar esse pequeno vilarejo costeiro e se mudar para a Cidade do México, ou até mesmo para Los Angeles ou Nova York, onde poderia expandir ainda mais seu empreendimento.

*Pescador:* mas, *señor*, quanto tempo isso vai levar?

*MBA, após um rápido cálculo mental:* provavelmente cerca de 15 a 20 anos, talvez menos se você trabalhar muito duro.

*Pescador:* e depois, *señor*?

*MBA, rindo:* essa é a melhor parte. No momento certo, você anunciaria uma IPO (Oferta Pública Inicial), venderia as ações da sua empresa ao público e ficaria muito rico, ganharia milhões.

*Pescador:* milhões, *señor*? E depois?

*MBA, lentamente:* depois, você se aposentaria. Aí se mudaria para uma pequena vila costeira de pescadores, onde dormiria até tarde, pescaria um pouco, brincaria com seus filhos, tiraria uma siesta com sua esposa, passearia pela vila à noite, onde poderia tomar um vinho e tocar violão com seus amigos. ”

## Assombrados

Morrer de trabalho, como sugere a anedota acima, é apenas um dos caminhos. A verdade é que desperdiçamos a vida em jogos de vaidades, travamos diante do risco e congelamos por medo de aceitação. Por fim, preenchemos a existência com ruído e feiura.<sup>4</sup>

Não existe fórmula, tampouco algo mais solúvel que “felicidade”.<sup>5</sup> O que diabos é a felicidade? Quem disse que devemos perseguir felicidade? A vida é o que é, os seres humanos são humanos e fazemos o que fazemos — simplesmente. A magia acontece nas pequenas e inesperadas fissuras, nas grandes sensações de momentos discretos, minúsculas quebras da nossa percepção viciada. Repetição e rotina – seja

para o zelador de *Dias Perfeitos*, seja para o editor do **RelevO** – não são um problema, e definitivamente não são o problema. Toda concentração traduzida em movimento é bela, e o que nos mata é a falta de atenção.

Eis algumas premissas pessoais para tentar, afinal, responder à pergunta principal deste texto. Adoraria “conhecer o mundo”, já uma simplificação (é possível *conhecer o mundo*?), e certamente associaria esse traço a uma vida bem vivida. Por lógica, isso significa que alguém imóvel leva uma vida menos interessante? Não necessariamente. Vastidão não implica profundidade.

É perfeitamente possível estar em outro lugar e não se submeter a nenhuma ruptura (o famoso brasileiro no estrangeiro procurando churrascaria). É perfeitamente possível se arriscar em uma novidade e continuar apenas um mala em diferentes continentes.

Mas esses são só dois exemplos. Estar em outro lugar *favorece* pequenas e grandes rupturas, e rupturas em geral *favorecem* a sensação de estar vivo – o que, por fim, *favorece* crer que não desperdiçamos a vida. É perfeitamente possível ter rupturas no próprio bairro onde se vive (e, claro, ir para longe tende a refrescar nossa visão local). A mera ideia de *experiência* já foi tão commoditizada que, por si só, cada um só pode ser seu próprio avaliador de genuinidade.

Como no poema de T.S. Eliot, “o fim de toda nossa exploração será chegar ao ponto de partida”.<sup>6</sup> Explorar o mundo externo é ótimo, mas e aí? Há todo um universo interior para cavucar. Encarar o banquete de conseqüências é duro porque nossas vidas intrinsecamente carregam um conjunto de vidas não vividas. O que nos aflige são as portas não abertas, principalmente aquelas já trancadas – ainda mais quando vemos outros abrirem. Somos assombrados por elas todos os dias.

Aceitar isso é, de fato, complicadíssimo. Se fosse fácil estar em paz consigo mesmo, não existiria... na verdade, não existiria muita coisa – quase nada! O que cabe a nós é não desperdiçar a nossa atenção, externa e interna. Preparar o café da manhã; limpar o banheiro; conversar com um desconhecido; fundar uma empresa; escalar uma montanha: não se trata do *que fazer*, mas como. *Dias Perfeitos* enriquece esse impasse.

De banheiro em banheiro – sem respostas –, seguimos.

---

[1] “A imagem perdida”, Mário Quintana.

[2] Aqui, o parágrafo inteiro do editorial: “O **RelevO**, este zelador sensível que chora de alegria sozinho no carro e de tristeza ao abraçar a família, sabe que a alegria reside na tristeza; e a tristeza, na alegria. Não somos os anjos de *Asas do Desejo* que leem pensamentos e se solidarizam com a melancolia humana — somos banalmente humanos e periódicos. Não há muito o que fazer além de, bom, continuar fazendo. Afinal, nosso tempo é finito: por que fazemos o que fazemos? O que significa aproveitar a vida? Em que consiste uma vida bem vivida?”

[3] Somando com Wim Wenders, eis a agradável surpresa de que ao menos dois alemães parecem compreender que a vida é mais que eficiência.

[4] Compartilhamos o Universo com aberrações como museus de cera; bonecos Funko Pop; Blink 182; programas de auditório de TV aberta e memes corporativos.

[5] “What is happiness? It’s a moment before you need more happiness.

[6] Uma versão traduzida por Ivan Junqueira em [reideespadas.wordpress.com/2013/04/06/little-gidding/](http://reideespadas.wordpress.com/2013/04/06/little-gidding/)



## A vida em uma fotografia

Mesmo tendo apenas seis anos quando morreu Najib, seu irmão mais novo, Karima insistia que se lembrava dele, de seus gritos e de sua agonia antes de morrer e das muitas cicatrizes que isso deixara em sua alma.

Não conseguia mais olhar no rosto das pessoas que amava, pois temia sofrer quando as perdesse.

O pequeno Najib, que era apenas dois anos mais novo que Karima, foi o melhor presente que a vida lhe deu, tornando-se um ser especial e só dela. Quando a morte o levou, sentiu que fora arrancado dela, não de qualquer outra pessoa, nem mesmo de sua mãe, cujo choro parecia mais baixinho do que os gritos calados que abalavam a alma de Karima, pois não encontrava para eles uma escapatória.

Uma única coisa, assim, de repente, lhe devolveu o que perdera: aquela fotografia da família na qual Najib está no colo da mãe.

Karima se lembrava de o fotógrafo lhe ter pedido que olhasse para a câmera, pois ela olhava para Najib, e de que, antes de atender ao pedido, ela esticou sua mão direita e segurou a mão esquerda de Najib, como se tivesse delegado à mão, em lugar do olho, a tarefa de se certificar de que Najib não sumiria de repente.

Mas ele sumiu.

Da mesma forma que a fotografia sumiu da casa depois que Karima a escondeu dos olhos de todos. Aquela fotografia que a mãe tanto procurou sem encontrar, até que enfim desistiu. O destino daquela fotografia continuaria desconhecido até Karima decidir retirá-la do esconderijo, por uma razão que não permitiria mais que ela ficasse oculta... até um dia sumir para sempre!

A tristeza de Karima não diminuiu. Ela não parou de ouvir os gritos de sua

alma, até se apaixonar pelas fotografias, todas as fotografias. Contudo o que ela não compreendia era que, quando gostava muito de alguém, ficava satisfeita em olhar para a fotografia, e não para a pessoa diretamente.

Será que acreditava que, no fim, tudo o que resta são as fotografias?

Não saberia responder a uma pergunta como essa, pois seu pai, o pai que ela amava, o reverendo Said, continuava presente até mesmo depois de centenas de fotografias terem sido tiradas dele por seus amigos fotógrafos palestinos, armênios ou estrangeiros, que visitavam sua igreja, a Igreja Protestante Luterana da Natividade, em Belém, desde o fim do século 19 até o início do 20.

Karima não estava tranquila quanto à sua certeza nem quanto à sua dúvida.

★

Foram muitos os motivos que fizeram o reverendo Said acreditar que Karima se apaixonaria pelo órgão. Ambos tinham a mesma idade, já que o instrumento chegara da Alemanha ao porto de Haifa no ano em que Karima nasceu. Além disso, sua sensibilidade, delicadeza e constante contemplação de tudo o que via eram aspectos evidentes até para quem não enxergava.

Não havia vez que saíssem à rua, ou ao campo ou à montanha, fosse verão, inverno, outono ou primavera, sem que Karima ficasse para trás. Ela se detinha para escutar e observar ora um passarinho, ora um grilo, ou para cheirar as flores silvestres enquanto girava em torno delas como uma borboleta. Detinha-se para ver um muro, uma porta, uma janela. O pai a chamava três, quatro, cinco vezes enquanto ela continuava em outro mundo. Então o reverendo voltava, pegava-a pela mão, puxava-a e ela não parava de repetir uma frase, a única que conhecia: “Só mais um pouco, só mais um pouco!”.

Said percebia que o coração e a alma de Karima estavam em outro lugar. Ela via mais do que escutava! Quando seus amigos fotógrafos, tanto os conhecidos como os de fora, iam visitá-lo, a única coisa que Karima fazia era fixar seu olhar nas câmeras, tocá-las quando não estavam olhando ou quando mergulhavam em longas conversas a respeito das condições do governo Otomano e do futuro incerto do país.

No início, Karima achava que todas as fotografias estavam dentro da câmera. Ficar à sua frente tinha uma única razão: fazer a câmera se lembrar da pessoa para que o fotógrafo pudesse, mais tarde, introduzir a mão e retirar, de onde estava guardada, a fotografia daquela pessoa! Essa suposição fazia com que ela fosse até o espelho, contemplasse sua imagem refletida e se perguntasse: “Nossa imagem no espelho é a real? Ou a verdadeira é aquela que está dentro da câmera?”.

Estendia a mão, tocava o espelho, depois retraía a mão vazia, o que lhe dava a certeza de que a imagem da câmera era a verdadeira.

Sua admiração pelas câmeras crescia toda vez que contemplava suas fotografias com os membros da família, as mesmas que o fotógrafo retirava de dentro da câmera para que todos pudessem ver! No entanto, uma pergunta ainda a intrigava: “Quem é mais bela, a pessoa ou sua fotografia?”. Passava os dedos pelos rostos nas fotografias, mas não chegava a uma conclusão.

O reverendo Said riu naquela manhã, quando Karima lhe contou seus pensamentos. Ela, como sempre fazia, penteava a barba dele e arrumava seu bigode. Recusou-se a acreditar que existia um filme e disse: “Não! É

o cérebro da câmera, que o fotógrafo pega, depois de ficarmos na frente de seu olho para que ela se lembre de nós; ele leva o cérebro para o quarto, fecha a porta para a gente não descobrir o segredo e, depois que ele retira de lá nossa fotografia, devolve o cérebro para a câmera”. O reverendo riu de novo e disse:

— De onde você tira tanta imaginação?

— Não é imaginação! A câmera é como o órgão: você se senta e mexe os dedos, daí ele ouve a música que está em seu interior e tira de você a música; então você a escuta, ou não é assim que acontece?

— Acho que de alguma forma você está certa, mas por que não se senta e toca para ouvirmos um pouco da música que está dentro de você e que sai do órgão?

— Isso é difícil para mim.

— Por quê?

— Dentro de mim, só há fotografias.

— Mas você disse que as fotografias estão dentro da câmera, não foi?

— Sim, mas, quando olho para as coisas, sinto que sou uma câmera também.

— Acho melhor você ir brincar um pouco.

— Eu não consigo brincar lá fora, eu só fotografo.

— Está bem, senhorita, então vá e fotografe!

Elizandra Sabino

## Um tomate se estragando na fruteira

E não é que— toda a delicadeza  
Que vem de fora  
Ainda em cor viva— lustrada  
Com a agudeza da ácida  
Essência— tornará vida  
Desfigurada— diluindo em fel  
Sem longa demora

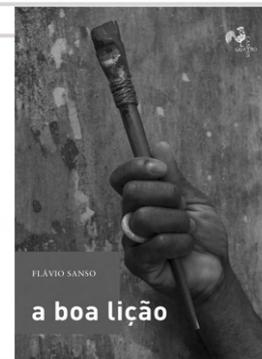
Natureza morta envolta  
Em pele puída  
Um retrato de pilhagem  
Em resguardada continuidade

Esse cheiro infamiliar— até então  
Velado— é pernicioso demais  
Para meus olhos apreciar  
Eu sinto porque o vejo  
Resistindo à toda trivialidade bruta  
Que a vida possa demandar—

Não posso com esse cheiro  
E nem com os sentimentos  
Que me evoca— enalticidos  
Em minhas feições desfeitas  
E em minha alma indisfarçada—

Tamanha generalização como se  
Nenhuma coragem a detivesse—

Ah! Esse cheiro vazando impassível  
Compraz em seu intento exato—  
Sedento por arruinar cores— fibras  
Mais parece um manto de pedra  
Que descobriu um lugar  
Para ser em casca e cerne  
Estranha comiseração—



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Ada Moema Dias

## Resoluções tardias

Fenecer sob um novelo salpicado  
Desembocando na quimera das utopias esdrúxulas  
Enrolar-se feito cromatina  
Dentro de um grão salino-marinho

Pulverizar-se no cerne delgado de si  
Espiralandando no íntimo átimo do átimo ao infecundo  
Obliterar-se em caleidoscópica lise  
Evocando o onírico que anteveem a catártica penumbra

Dobrar-se em filetes apicais  
Pairando efervescente e ébria  
Entre as costuras e fiapos soltos dos lençóis  
Entre o cristalino e a retina, esporulando em aquosa atmosfera de vagalumes

Findar – devagar e certamente –  
Organoléptica aos tormentos intraespecíficos que se evisceram  
De derradeiros atos antropogênicos  
E do que inventaram desta funesta forma de vida, desvario em fissura prévia

Sobreviver – devagar e certamente –  
Encourada pelo breu da insignificância prematura  
Anômala de tropismo pelo que se esvai em vítrea dissolução  
E ecoa vibrante e pungentemente perecível

Em cada apoptose  
Em cada grão salino-marinho.



Valorizando a literatura  
brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.  
[editorasinete.com.br](http://editorasinete.com.br)



Editora  
**Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

# Cícero & Rimbaud

Tradução de Israel Siqueira

## Marco Túlio Cícero

Trechos de Pro A. Licinio Archia Poeta Oratio.

### Das humanidades:

De fato, todas as artes que dizem respeito à humanidade possuem uma espécie de vínculo comum, e estão ligadas entre si como que por um parentesco.

*Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune vinculum, et quasi cognatione quadam inter se continentur. (Pro Arch., I, 2)*

### Do poeta:

Seja, portanto, juízes, sagrado entre vós, homens tão eruditos, este nome de poeta, ao qual jamais violou barbárie alguma. As rochas e os ermos respondem à voz do poeta; as bestas selvagens amiúde se enternecem e pausam ao som do canto. Nós, formados na mais alta cultura, não nos comoveremos com a voz dos poetas?

*Sit igitur, iudices, sanctum apud vos, humanissimos homines, hoc poetae nomen, quod nulla umquam barbaria violavit. Saxa et solitudines voci repondent, bestiae saepe immanes cantu flectuntur atque consistunt: nos, instituti rebus optimis, non poetarum voce moveamur? (VIII, 19)*

### Da vaidade:

[...] somos todos movidos pelo desejo de louvor, e os melhores homens são os mais atraídos pela glória. Até os filósofos que condenam a glória em seus livros assinam seus nomes neles: no mesmo lugar em que desprezam o aplauso e o renome querem ser aplaudidos e nomeados.

*[...] trahimur omnes studio laudis et optimus quisque maxime gloria ducitur. Ipsi illi philosophi etiam illis libellis, quos de contemnenda gloria scribunt, nomen suum inscribunt: in eo ipso, in quo praedicationem nobilitatemque despiciunt, praedicari de se ac nominari uolunt. (XI, 26)*



COBERTURA DE EVENTOS CULTURAIS, EXPOSIÇÕES, RESENHAS, COBERTURA DE SHOWS, TUDO ISSO E MUITO MAIS VOCÊ ENCONTRA NO SITE

**CRIPTO CULTURAL**

ACESSE

[HTTPS://CRIPTOCULTURAL.COM.BR](https://criptocultural.com.br)

E [@CRIPTOCULTURAL](https://www.instagram.com/criptocultural) NO INSTAGRAM.

FIQUE POR DENTRO DE TUDO!



**Arthur Rimbaud**  
**Palavras de Apolônio sobre Marco**  
**Cícero**

Restarão para nós [os gregos] a consolação das letras e o estudo das doutrinas, qual alegria que permanece na dor e qualquer sombra de liberdade na servidão; desviaremos os olhos desta nossa humilhação presente para fitar a dignidade dos nossos escritores antigos: retirados entre os seus livros, ora de Homero, ora de Platão, desfrutaremos de doces conversas, não mais sobre os assuntos públicos, dos quais outros [os romanos] agora cuidam, mas sobre a poesia, sobre os deuses imortais, sobre todas as coisas de que esses grandes homens falaram! E tu também, Túlio [Cícero], que verifiquei ser dotado de tão eminente talento, se permitirem os deuses, não deixarás de corresponder a minha expectativa quando, voltando à tua pátria, experimentares o fórum; mas, entre os aplausos do povo, não te esqueças deste Grego Apolônio, que te formou no estudo e na disciplina da alta cultura, e estejas sempre convencido de que nunca tirarás desses aplausos maior alegria e orgulho do que eu.

**Verba Apollonii de Marco**  
**Cicerone**

*Supererit literarum nobis solatium doctrinaeque, studium, quod vel in dolore laetitia, vel in servitute nescio quae libertatis umbra redditur; oculos ab hac nostra humilitate in illam veterum scriptorum dignitatem deferemus: et inter illorum libros semoti, nunc Homeri, nunc Platonis, non jam de rebus publicis, quod ad alios nunc pertinent, at de carmine, de diis immortalibus, de omnibus scilicet, quibus illi mire disseruere, dulci colloquio fruemur! Tu quoque, Tulli, quem tam ingenio praeditum compertus sum, meam hanc tui expectationem, si diis libet, quum in patriam redux forum experiere, non falles; at inter populares plausus, noli hujus Apollonii Graeci, qui te optimarum artium studio disciplinaque formavit, memoriam abjicere, et hoc semper persuasum habeto, nunquam te majorem quam ego, ex illis plausibus laetitiam superbiamque percepturum.*

**DESILUSÃO**  
**DE ÓTICA**

CONTOS E APARIÇÕES

ursula antunes

Carioca insulana, vive do texto: é redatora, editora, ficcionista e poeta. Participou de várias antologias de ficção especulativa. Em 2021 ganhou o Prêmio Grand ABERST e, em 2022, foi finalista na categoria Narrativa Curta de Suspense. Em 2024, lança dois livros: a coletânea de contos "Desilusão de ótica – contos e aparições", pela Urutau, e a coletânea poética "Para tudo que nasce e morre, o interlúdio é o presente infinito", pela Mondru.

**Editora Urutau**

82 páginas

**R\$ 48,00**



[ursula.antunes.de@gmail.com](mailto:ursula.antunes.de@gmail.com)

[@ursulaantunes\\_cl](https://www.instagram.com/ursulaantunes_cl)

## O amadurecimento de Vitor Miranda em *Exátomos*

Há um tempo escrevi um texto sobre o livro *O que a gente não faz pra vender um livro*, do Vitor Miranda, a pedido dele mesmo (e nem sei por que e que fim teve o texto), no qual iniciei escrevendo: “Que o Vitor é um canalha, todo mundo sabe...”, e depois passei pelos contos, me detendo mais em Toulouse-Lautrec, em que, supostamente, estive como personagem.

Hoje resolvi escrever sem que alguém tivesse pedido, principalmente porque é assim que entendo a literatura: dedicação ao outro, complemento, coletivismo (mesmo para os que, como eu, tenha nela uma companhia solitária). Mas também porque preciso me redimir (ou atualizar) daquele início de texto citado. Estou me referindo agora ao livro *Exátomos*, e o Vitor já não é mais um canalha.

Alguns vão lamentar (inclusive o próprio Vitor, e desculpem-me por isso), mas é uma constatação irrevogável, está comprovada no melhor e mais legítimo documento histórico que o ser humano já produziu contra si mesmo: a poesia. Agora que os que lamentaram já me desculparam (inclusive o próprio Vitor), vou dar-lhes o golpe final afirmando que, com este livro, o Vitor atingiu a maturidade.

A palavra assusta, eu sei. De modo geral, para os seres humanos, maturidade significa algo como perder a inocência, mas para nós, homens (brancos mais ainda) significa estar literalmente ficando velho, coincide com a menopausa das mulheres (que chegaram à maturidade ainda na adolescência), e portanto esclareço que não é dessa maturidade que me refiro, pois estamos, o Vitor e eu, bem distantes ainda; é sobre a maturidade literária.

Pensemos, assim, na maturação de uma fruta, que, quando verde, até ser-

ve para algumas larvas e demais animais, mas a semente está embriônica, e só na maturidade estará pronta para gerar nova planta e além disso aos pássaros, raposas, iguanas e macacos, que, aliás, estes últimos estão representados na capa do livro com uma arma nas mãos (e aqui me lembro de final de agosto, estando no apê do Vitor em São Paulo, ele me mostrava a capa e pedia opinião. Gostei e disse que eu mesmo volta e meio uso uma expressão que é “como botar uma arma na mão de um macaco”; uso numa frase: a democracia é linda e deve ser mantida e melhorada a qualquer custo, mas no Brasil, a prática do voto é como botar uma arma na mão de um macaco).

Com *Exátomos*, o Vitor chegou lá. Maturidade literária é quando se sabe exatamente sobre o que se escreve, quando se aprende a utilizar todas as leituras em favor da própria escrita, quando a palavra é lapidada com cuidado para que signifique algo parecido com o que se sente, é quando adentra-se o existencialismo, que é a filosofia de conseguir olhar lá e aqui (assemelha-se aos óculos que terei que usar em breve — olha só, maturidade chegando).

Poderia citar vários poemas do livro para enriquecer o texto (e citarei), aliás, quase todos serviriam a isso, mas vou me utilizar inicialmente de um que (acho que) pode passar despercebido, o fotográfico “Fazenda”:

na fazenda moças rendas cirandas  
crianças jogando pião peões laçando gado  
leite pingando no café pés descalços e os calços  
nas mesas da manhã

Percebe-se aqui o longe-perto, a imagem estática e as vidas contidas na imagem, a observação é parte não-escrita do poema, coloca todos os leitores em pé de visualização na mesma mesa desequilibrada de qualquer lugar onde possa imaginar a origem dos alimentos, por exemplo, ou as crianças sem prótese-celular nas mãos.

Maturidade. De um livro ao outro, é como sair de um bar barulhento e esfumaçado em que se bebia com Bukowski, para encontrar duas pessoas na calçada e beber com elas, e essas duas pessoas são William Carlos Williams e Robert Creeley (à guisa de exemplo). Sem crítica alguma para ninguém, apenas um modo de ver a escrita, duas formas do longe-perto. Isso é não ser mais um canalha, apenas, nada mais, e pode ser que nem seja.

Por falar em longe-perto, preciso trazer minha dúvida ao texto sobre a incerteza de quanto à presença de Bárbara Will influenciou esta maturidade poética (olha a maturidade aí!), pois a certeza é de seis (acho) poemas a ela no livro, entre outras coisas que sei. Longe-perto, como no poema “É difícil ficar longe”, também dedicado a ela. Dias ou segundos de distâncias quilométricas insuportáveis e insuperáveis naquele instante em que o mundo está sendo explodido por macacos armados, e só se quer um olhar para dentro, dentro da gente, dentro do mundo, como no poema “Há”:

há o trem e também  
as vozes das crianças brincando  
as cigarras num canto desesperado  
após dezessete anos sob a terra  
os latidos dos cachorros  
o zumbido das abelhas fazendo amor  
com as flores  
o vento balançando as jibóias  
anunciando as águas de janeiro  
e as sombras das nuvens que as carregam  
e há também você deitada ao meu lado  
olhando pra dentro de mim

São esses momentos bucólicos e existenciais que recheiam *Exátomos*, que são o sumo, a substância que me autoriza a acusá-lo de amadurecido. Mas a casca ainda é urbana, cosmopolita, todavia, sem o ceticismo de outrora. Peço licença para me estender dois dedos nessa prosa para que seja menos crônica e mais poética: (jamais convide alguém do interior para se hospedar em sua casa, a menos que realmente queira isso) fiquei três dias com o Vitor em SP, três dias enjoado, nauseabundo e com dor de cabeça, pois conheci o Rio Tietê logo de cara e o fedor acompanhou minhas narinas durante todo o tempo restante (e diria que só me livre dele totalmente quando desembarquei em Navegantes e senti a brisa oceânica). Imaginemos que uma família onde moram juntos um casal, três filhos, um tio que sempre aparece para jantar, uma avó e um avô, recebe uma visita e o visitante logo percebe que o avô está em estado de putrefação no sofá, com vermes já saindo dos orifícios da cabeça, e comenta assustado, perguntando com cuidado, se está tudo bem com ele, e os da casa respondem que sim, está tudo certo, ele sempre teve esse jeito assim mesmo, sempre se fingiu de morto. O Tietê é o morto na sala e os paulistanos se acostumaram com isso.

Comentei com o Vitor do meu mal-estar e, a partir de então, ele passou a me oferecer saídas, conhecer mais de SP, como se mais cidade pudesse abolir a cidade. Ali percebi a presença do poeta, porque todo poeta se considera um pouco deus, e o que o Vitor fez foi mais ou menos como a resposta de deus para Jó, dizendo olha, a gente faz coisas horríveis, é verdade, mas também algumas maravilhas, tem umas galerias de arte, uns cafés e tal. Resisti, brava e pacientemente, explorando sua biblioteca e me deitando numa rede no meio da sua sala — semimorto. O que quero dizer com isso é que *Exátomos* traz esse aspecto do poeta, que não deixou de ser um habitante que gosta de SP, mas que explora, agora, descobertas de vida sensíveis, para além da trivialidade. Veja-se neste “Atropelam a flor”:

me pergunto por que apesar da vida ser tão bela  
aquelas pessoas continuam se jogando de décimo terceiro andar  
cortando seus pulsos amarrando cordas no pescoço

aquela moça bonita chora em seu quarto  
sem saber que lá fora o vento desafia os muros do castelo  
a flor racha o asfalto e cresce em meio ao trânsito

me pergunto por que aquelas pessoas continuam atropelando flores

Detalhes, pequenas fendas, orvalhos sobre as pétalas, não, não se enganem, não se trata de contemplação, e sim perspectivas. Se foram as idas e vindas para a casa da Bárbara, que é no interior, que germinaram essas novas interpretações ao Vitor, eu não sei, mas sei que usei isso como subterfúgio para trazer a Bárbara novamente ao texto, pois, quanto mais leio e converso com o poeta, mais percebo a presença dela. No poema anteriormente citado “É

difícil ficar longe”, no último verso há a confissão pública *eu te amo*, e eu não consigo imaginá-lo dizendo isso anteriormente.

O amor, meus queridos, é revolucionário. É clichê? Totalmente, mas é sincero e não há problemas nisso. O que não pode ser clichê é o canalhismo. Um *eu te amo* bem dito reverbera para além do romantismo (e, nesse caso específico, para além do romantismo alemão, como se vê no poema da flor no asfalto), abre caminhos na sociedade, constrói relações humanas e holísticas, atômicas (*Exátomos*). É urgente revolucionarmos a realidade social, o sistema socioeconômico, o modo de vida. É urgente que haja indignação, vergonha-na-cara, comunhão e um “Samba sob o viaduto”:

travestidos  
com roupas  
que lhes dão

homens  
mulheres  
crianças  
travestis

di  
vi  
dem  
o pão

passam almas  
passam luzes  
não enxergam  
a escuridão

qualquer fogo  
qualquer blusa  
que aqueça

um samba  
sob o viaduto  
onde toda  
sexta-feira  
é da paixão

Temos 99 poemas esmerilhados de um poeta maduro (ao menos, na sua escrita), que se comunicam com a contemporaneidade pela verdade turbilhionária que é este século 21, que desafia, mais que as morais sociais e virtuais, a literatura, e a poesia desafia todos nós a olhá-la de frente. Para conseguir, não se pode ser canalha.

Vitor Miranda não é mais um canalha, está posto. Está, enfim, escrevendo sobre sinceridade. Mas, se é assim, me pergunto, em que diabo de momento ele me fotografou na Fazenda e só publicou depois do registro que teve no puteiro citado em Toulouse-Lautrec?



## Campos de Carvalho

*Abertura de A Lua Vem da Ásia*

### Capítulo Primeiro

Aos dezesseis anos matei meu professor de Lógica. Invocando a legítima defesa — e qual defesa seria mais legítima? — logrei ser absolvido por 5 votos contra 2, e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris.

Deixei crescer a barba em pensamento, comprei um par de óculos para míope, e passava as noites espiando o céu estrelado, um cigarro entre os dedos. Chamava-me então Adilson, mas logo mudei para Heitor, depois Ruy Barbo, depois finalmente Astrogildo, que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo.

A primeira mulher que possuí foi sob a ponte do Sena, em pleno coração do meu Paris imaginário; e ainda me lembro de que ela me sorria com uns dentes que refletiam as estrelas e as lâmpadas do cais adormecido, e dizia-me coisas numa língua que eu não conhecia. Paguei-lhe à vista, e subi eufórico em direção a uma rua de onde vinham sons de uma mandolinata inenarrável, e que se esvanecia à medida que eu me aproximava, e que acabou por desaparecer de todo. Sentei-me no chão, aturdido, acendi um cigarro e deixei que ele fumasse por si mesmo, e depois morri tranquilamente, dentro da noite calma.